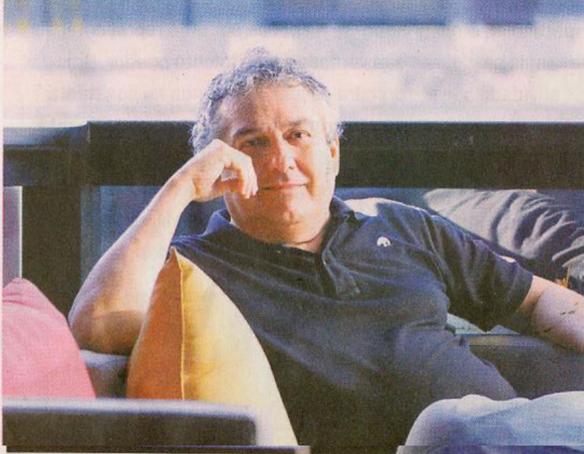


**CONTINUAÇÃO DA PÁG. B1.** Simpático aos conceitos estéticos do fauvismo e do expressionismo figurativo, o arquiteto e artista plástico Pedro Cabral elabora séries onde procura trabalhar ideias relacionadas a convivência pacífica urbana

FELIPE BRASIL



## “A VIDA ME IMPULSIONOU A FOCAR NAS ARTES PLÁSTICAS”

Para o professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, se envolver com as artes plásticas é uma atividade que lhe fortalece o espírito

### ● BACKGROUND

"Nasci numa meia-noite de inverno, em junho de 1956, em Maceló, precisamente em Fernão Velho, um distrito fabril que virou bairro. Um lugar que mereceria ser restaurado, pois conta um momento da formação do Brasil urbano-industrial e operário. Poucas vilas operárias no Brasil ainda conservam seu desenho urbano e sua arquitetura como Fernão Velho. Ali, eu vi ainda criança, Jararaca e Ratinho se apresentarem na praça. Vi o muito jovem Djavan cantar com a Banda Smugs, no Cine-Teatro São José. Ali, ouvi o jazz da orquestra local alegrar a noite. Ali, ouvi nas manhãs ensolaradas de domingo a igreja tocar em seus alto-falantes a música de Bach, de Mozart e Beethoven. Ainda criança, vim com meus pais para Maceló, onde morei em cinco bairros: Ponta Grossa, Prado, Poço, Farol e Ponta Verde. Também morei no Rio, onde

fiz pós-graduação, em 1979 e em 1985. Sou arquiteto e urbanista formado na UFAL, em 1978, primeira turma de formandos. Tenho mestrado em Desenvolvimento Sustentável e duas especializações. Desde 1980, sou professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, onde posso teorizar e praticar criações no campo da arquitetura, discutindo e compartilhando informações com diversos estudantes. Também me dedico fortemente à Arquitetura Hospitalar. Como autodidata, tenho enveredado pelas artes plásticas. Um trabalho que me fortalece o espírito".

### ● O INTERESSE PELA ARTE

"Quando desenhei o primeiro navio no Jardim Infantil e a professora me elogiou, meus olhos se avivaram. Como é bom um incentivo! A caixa de lápis-de-cor dá por meus pais talvez tenha sido o meu primeiro interesse. Despertado mais ainda quando ad-

mirava os quadros na parede de minha casa - até a fotografia do Getúlio Vargas e uma cópia de uma paisagem natural europeia valliam - bem como o quadro pintado sobre a Divina Comédia de Dante, existente na casa de meu tio. Talvez tenham sido esses os primeiros 'insights'. O curso de arquitetura me favoreceu fortemente não só no campo técnico como artístico. O desenho e o acesso à História da Arte foram assimilados aí. Sabia da pintura, sentia possibilidades de atuar aí, mas dificuldades financeiras me impediram de fazer um curso com algum mestre de arte. No início da vida profissional, os poucos recursos me levaram de novo a pintar meus próprios quadros, desenhos a nanquim e lápis cera de rostos femininos. Aí eu já tinha 25 anos de idade. Depois a vida boêmia me podou a criação: Fui viver despidoradamente o sentimento das farras. Nesse pe-

riodo, publicava minhas crônicas. Somente aos 35 anos, de cabeça mais ou menos assentada, senti novamente a necessidade de pintar novos quadros, desta feita, pintura a óleo, mas sem intenções de seguir esse caminho. Aos 48 anos, a vida me impulsionou a focar nas artes plásticas. E a não querer parar mais!".

### ● ARQUITETURA E ARTE

"A formação do arquiteto reúne a tecnologia e a arte. A arquitetura é construção sob o signo da arte. A arquitetura era, até surgirem as instalações artísticas, a arte que se visitava por dentro com o mesmo êxtase da contemplação externa. Sentimos o conforto do espaço, além do olhar. A arte plástica invoca o sonho. Mas sem perder o mesmo valor de se buscar o conforto e a evolução da vida. Foi a formação na arquitetura que me levou à arte. O desenho do navio na infância tinha se perdido em algum canto da minha história, mas foi resgatado por minha vivência na arquitetura. Hoje, sinto mais prazer nas artes plásticas do que na arquitetura. E o motivo é que a arquitetura requer recursos financeiros de um clérigo, sempre tremeiro, às vezes tímido, com nossas possíveis afoitezas. Muitos não acreditam em inovações e só se interessam por uma proposta depois de observarem tais ideias vindas de fora. Para a arquitetura acontecer é preciso muita ação externa, cliente, instituições que aprovam os projetos. Na pintura não. Uma tela, algumas tintas e outras pinceladas e a obra se realiza inteira, sem depender do dinheiro de ninguém para fazê-la. A arquitetura também me deu o traço e o sentido de composição que hoje tento explorar em minhas telas".

### ● REFERÊNCIAS

"Passei um bom tempo da minha vida estudando teoria das artes. Eu queria acontecer em meus quadros já com o domínio de uma técnica, já com um estilo, com temáticas definidas, mas não é assim. Era muita pretensão de minha parte. Quando a gente se encontra diante de uma tela branca, tudo muda, mesmo com temas já prme-ditados. Eu poderia compor tudo antes no computador, mas acho isso sem graça. O bom é criar do nada a composição e as cores, apenas sabendo o tema a desenvolver. A técnica, por exemplo, direciona fortemente a concepção. Uma simples maneira de aplicar a tinta pode mudar todos os conceitos. Hoje ainda procuro uma técnica, ainda procuro um estilo, ainda tento ver se me enquadro em algum movimento. Por enquanto, ainda é processo de descoberta. Pois, toalmente, acredito que ainda tenho todo o tempo do mundo. Mas tenho minhas referências. Todos têm seus cordões umbilicais. Uns se livram mais rapidamente, outros demoram mais. Gosto dos impressionistas para cá, como modelos. Creio que o fauvismo e o expressionismo figurativo ainda podem contribuir fortemente no conceito de sociedade. Tento usar a arte como mensagem. E a minha mensagem procura se acercar da ideia da convivência pacífica urbana. Quero pintar o povo alegre nas ruas, esse jeito brasileiro, hoje tolhido pela violência".

### ● SÉRIES TEMÁTICAS

"Sou meio cartesiano. Meio racionalista. Tento sistematizar meu pensamento. Claro, quando algo aborrece, viro anarquista, viro nihilista, viro desconstrutivista. Uma série

que tenho dado atenção é o cotidiano. Edward Hopper fazia do cotidiano algo belamente estético. Já para mim o cotidiano tem movimento. O movimento é a busca da minha composição. As figuras nas ruas, a dança, as bicicletas. Vejo a bicicleta como um símbolo de liberdade. Sempre busco algo libertador. O movimento dialético que leva a novos pensamentos, novas imagens, novas sínteses. O cotidiano de Maceló tem cenas para muitas cores, para muitos registros. Para muitas interpretações".

### ● EXPOR AS OBRAS

"Aqui é o meu ponto fraco. Sou um péssimo propagandista do meu trabalho. Mas o lado protegido de um com-putador me deu a coragem de jogar nas redes alguns desses trabalhos. E assim, participei de quatro Exposições Coletivas - Iphan, duas da Marinha e uma do Congresso Panamericano de Arquitetura, com curadorias de Beta Bastos e pelo Fredy Correia, que foram gentis em me dar essa oportunidade. E fiz uma Individual, na Casa Marechal Deodoro, durante a IV Filmar, na intenção mais de incentivar o trabalho do nosso querido Carlito Lima. Lá, a luz e o modo de exposição não eram apropriados, mas valeu a vontade. Diria que foi uma pequena afoiteza de minha parte. Não me sinto pronto. Fico constrangido de contatar um curador para analisar e gerenciar minha obra, pois não me sinto ainda preparado para mostrar essa produção com atitude. Mas se o escolher ou precisarei de alguém que seja tanto crítico de arte quanto organizador. Por enquanto não tenho alguém definido".